



Senhora das
Dores,
Mãe da esperança

◆ Pe. Luiz Gustavo Uchoa da Silva* ◆

Como afirma o Evangelho de João, “junto à cruz de Jesus estavam sua mãe, a irmã de sua mãe, Maria de Cléofas, e Maria Madalena” (Jo 19,25). Naquela hora de grande sofrimento e dor não faltou o acalento feminino daquelas que fielmente mantiveram-se ao lado de Jesus de Nazaré. Em especial, naquele cenário do Calvário estava Maria, mãe de Jesus, aquela que o conhecia como ninguém. Certamente, quantas dores também enfrentava aquela que sofria ao ver a rejeição ao seu próprio filho.

A mãe estava diante do ápice da rejeição, do desamor daqueles que não aceitaram a Boa-Nova que seu filho anunciara. Naquele momento ela contemplava dolorosamente aquele que havia sido gerado em seu seio a padecer diante do suplício da cruz. Cumprira-se então a profecia que ouvira quando ainda trazia nos braços seu bebê: “Uma espada de dor vai atravessar sua alma” (Lc 2,35). Aquelas palavras de Simeão foram a primeira dor dentre tantas outras que estavam por vir em sua história que perpassava a de seu filho.

Ela, como ninguém, esteve unida a Ele: “Concebendo, gerando e alimentando a Cristo, apresentando-O ao Pai no templo, padecendo com Ele quando agonizava na cruz, cooperou de modo singular, com a sua fé, esperança e ardente caridade

na obra do Salvador.”¹ A mãe colocou-se no caminho do discipulado, aprendeu com seu filho, por isso a Igreja, com singular veneração, volta-se para a figura de Maria, pois vê naquela que em todos os momentos esteve unida ao Senhor um refúgio em meio às suas dores.



**“Eu vim para que tenham vida, e a tenham em abundância”
(Jo 10,10)**



Sua firmeza e fidelidade mesmo em meio às dores da vida inspiram tantos homens e mulheres que devotamente recorrem ao auxílio da Senhora das Dores. Com efeito, Maria, “(...) modelo de virtudes, conserva virginalmente uma fé íntegra, sólida esperança, sincera humildade”². A religiosidade popular dos que veneram a bem-aventurada Virgem Maria, sob o título de Senhora das Dores, reconhece nela um sinal de esperança, isso implica um modo de viver a fé no qual os sofrimentos deste mundo não detém a última palavra.

Maria é esse modelo da Igreja que aponta para uma dimensão escatológica, isto é, uma obra divina que transcende os horizontes desta história aqui-

-agora. Os sofrimentos do tempo presente cedem frente à “esperança que não nos decepciona” (Rm 5,5). Como soube passar pelas dores deste mundo unida a seu Filho, do mesmo modo permanece unida a Ele na glória do Céu. Em outras palavras, “Cremos que Maria está junto a Jesus, glorificada por inteiro. E como ela está na glória de Deus e dos santos, continua perto de nós, auxiliando-nos como mãe amorosa e companheira na fé”³.

A veneração a Nossa Senhora das Dores, tão presente em inúmeras igrejas por todo o Brasil, revela a face de um povo que ainda vive em meio a tantas dores, desafios e lutas. Entretanto, esse mesmo povo vive com fé, sem perder a esperança em Deus, no firme desejo de que seja alcançada a realização das palavras de Jesus: “Eu vim para que tenham vida, e a tenham em abundância” (Jo 10,10), cessando assim toda dor, sofrimento e tristeza. ●

Referências:

1. DOCUMENTOS DO CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Dogmática Lumen Gentium*. São Paulo: Paulus, 2012, nº 61.
2. VILHENA, Maria Angela. *A religiosidade popular à luz do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 201, p. 83.
3. MURAD, Afonso. *Maria, toda de Deus e tão humana*. São Paulo: Paulinas, 2012. p. 190.

.....
***Padre Luiz Gustavo Uchoa da Silva**
é mestrando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), pós-graduado em Espiritualidade pelo Centro Universitário Salesiano de São Paulo (UNISAL) e professor na Faculdade Canção Nova.